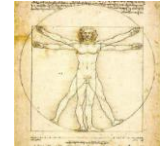




UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

ÉTICA E MORAL PARA ENGENHEIROS

UFPR - ST - DEQ / DEBB



Primeira redação em setembro de 2013.

O Pensamento de Sócrates

Sócrates (470/469 a. C.- 399 a.C.) nasceu em Atenas. Teve como pai um escultor (Sofronisco) e como mãe uma lavadeira e parteira (Fenarete). Foi casado com Xantipa que entrou na história como sendo feia, neurótica, irascível, insatisfeita e em permanente desarmonia consigo mesmo, com tudo e com todos. Sócrates com ela teve filhos e junto a ela permaneceu até o final da vida. Xantipa quando de sua morte era a mais desesperada e inconsolável...

Era um grego de aparência grosseira que não tinha cuidados com as roupas. Costumava ficar parado por horas, pensando em silêncio. Seu interesse é voltado, sobretudo, a questões éticas: como deveríamos viver e o que é uma vida boa para o homem.

Dentre seus professores está Arquelaus, por sua vez aluno de Anaxárogas.

Sócrates pode ser considerado em parte um filósofo sofista. Mais popularmente é visto com um crítico deste movimento. Nada escreveu. Dedicou-se exclusivamente ao ensino oral. Seu pensamento é conhecido por meio de Platão, Xenofonte e Aristófanes. Este último o satirizou como sofista, amoral, interesseiro e andrajoso. Um naturalista, na linha de Diógenes de Apolônia. Aristófanes observa suas ideias por volta da idade de 40 anos de Sócrates.

Platão o contempla na idade de cerca de 60 anos, como precursor das sementes que ele posteriormente desenvolveu. O vê como um mestre ético, moderado, sábio e justo. Considera-se impossível separar claramente o que é de autoria de Sócrates do que é de autoria do próprio Platão. Xenofonte o retrata ao final da vida enquanto Aristóteles apesar de lhe fazer alusão, não lhe é contemporâneo.

Para Sócrates o bom político é o que cuida da alma dos outros (cf. Górgias, Platão). Tinha forte aversão pela política militante. Não gostava do modo como a coisa pública era administrada e não ingressou na vida política no sentido comum do termo. Entretanto tendia à formação de homens que bem pudessem gerir a coletividade. O ensinamento socrático tinha uma natureza política, no sentido de influir na sociedade. Pode ser considerado um revolucionário pela via da não violência, empregando a arte da persuasão e este é um dos pontos de similitude com a sofística.

Era intensamente religioso, porém rejeitava a visão antropomórfica das divindades com paixões físicas e costumes humanos.

Considerava Deus Uno, múltiplo em suas manifestações e chave geral, cosmológica e ética.

O Deus sábio disporia das coisas como lhe agrada e seria capaz de ocupar-se ao mesmo tempo de tudo. Os deuses invisíveis se revelariam por suas obras visíveis. Tais obras recomendariam veneração e respeito. O mesmo Deus que ordenaria e manteria todo o Universo, sede de toda a Beleza e todo o Bem, sempre ofereceria a nós as coisas intactas, sãs, imunes ao perecimento, prontas a servir com agilidade e sem falha. Deus manifestar-se-ia na produção de obras grandiosas, mas não se deixaria observar governando-as. A alma humana teria ligação, mais de tudo o que é humano, com o divino. Segundo ele, refletindo-se sobre tudo, não se pode desprezar o invisível, mas reconhecer seu poder através de seus efeitos e honrar a divindade. (cf. Memoráveis, Xenofonte).

A Providência Divina aspiraria sempre o bem do homem. O Bem é a Suprema Realidade Universal. Deus é Amor e se manifesta por esta via.

Sócrates considerava-se um missionário. Considerava um desígnio divino sua missão de exortar os atenienses a cuidar da alma e da virtude.

Declarava ter tido experiências místicas na forma de elevações extáticas, uma delas ao longo de todo um dia e uma noite.

Para os gregos de modo geral e Sócrates em particular, a intermediação entre Deus e o homem é efetuada por meio de entes denominados daimones. As lideranças cristãs posteriores, avessas a manifestações religiosas diferentes, fizeram surgir o termo demônio, com a sua conotação negativa atual. Sócrates afirmava que um daimónion o aconselhava quanto ao que devia ou não fazer. Considerava tal voz de origem divinal e poder contar com ela, um privilégio totalmente excepcional. Tal voz certa ocasião lhe sugeriu não acolher um candidato a aluno. Em outra não exercer política militante e assim sucessivamente, manifestando-se em diversas ocasiões. Seguir tal orientação segundo ele se mostrava posteriormente algo muito adequado. Seus sonhos esporadicamente também lhe orientavam na vida cotidiana.

A célebre frase: 'A única coisa que sei é que nada sei', é um importante vínculo seu com o sofismo, pois é este movimento o que na época reconhecia ser impossível ao homem ter qualquer conhecimento quanto à realidade em si. O mais sábio seria aquele que sabe que nada sabe.

Também pode ser considerada uma postura estratégica. Como seu objetivo era o de melhorar o entendimento ético de seus contemporâneos, ao não defender qualquer conceito, evitava que o orgulho forçasse seu interlocutor a defender como questão de honra uma determinada concepção mais imperfeita de que fosse portador. Entretanto, os relatos demonstram e é também óbvio que Sócrates detinha conhecimento e o considerava adequado para conduzir o aprimoramento de seus alunos.

Podemos dizer que os sofistas clássicos da primeira geração, consideravam qualquer opinião benéfica como aceitável e ensinavam técnicas de convencimento para fazê-la prevalecer, visando o bem das coletividades. Sócrates visava a melhoria das concepções individuais, em primeira instância, para o bem do próprio interlocutor.

Dai a diferença entre os sofistas clássicos e Sócrates: os sofistas por sua noção de relatividade ensinavam como convencer outros de qualquer opinião que o orador julgasse oportuno defender. Facilitavam o estabelecimento de opiniões consensuais.

Com base na ação de indivíduos, convencendo a outros quanto às suas boas opiniões, pretendiam a melhoria do coletivo. Sócrates procurava fazer com que cada um aperfeiçoasse a sua própria opinião. Promovia o aperfeiçoamento das opiniões individuais. E esta opinião seria cada vez mais aperfeiçoada, a cada vez que fosse analisada.

Seu modo de proceder, parece deixar claro dois conceitos básicos. A realidade não pode ser compreendida pelo homem, pois seus discursos são sempre inconclusivos. Sobre a realidade tal como ela é, total e profunda, por Kant e por outros pensadores, nada sabemos. Entretanto podemos gradualmente nos aproximar desta realidade e esta realidade - desculpem a redundância - é real. Dai seu método e todo o seu trabalho neste sentido.

Para Sócrates o meio de aprimorar o comportamento é o da obtenção de conhecimento. Tal aprimoramento só seria possível se o sujeito estivesse consciente e insatisfeito com a sua ignorância. Quanto mais ciente da ignorância, maior seria a abertura para procurar aproximar-se mais da verdade. Aqueles que conseguissem reconhecer a própria ignorância seriam por isto mesmo, os que estariam mais próximos da sabedoria.

O reconhecimento da ignorância seria o princípio da sabedoria. Só aquele que reconhece que seu saber é inexistente ou incompleto se abre para o saber. Somente quando nos damos conta que não sabemos o que supúnhamos saber é que iniciamos a busca por descobri-lo. O processo de aprendizagem e aperfeiçoamento do conhecimento passa pela humildade e a aceitação de novas possibilidades. O reconhecer da própria ignorância. Por outro lado o conhecimento é do nosso maior interesse e deve ser objetivo essencial.

O centro da concepção socrática está no eixo conhecimento e ignorância. O motivo é simples: seu objetivo e sua missão é o bem do homem; é a melhoria de seu comportamento na direção do mais adequado e o comportamento mais adequado é o comportamento que envolve maior bem. Para ele todas as boas ações são fruto do conhecimento. Todas as más ações são ocasionadas pela ignorância. O mais valioso ao ser humano seria portar conhecimento. É esta posse autêntica que faria a alma ser do modo como deve ser e por isto realizaria o homem que seria essencialmente alma. Sua alma é sua consciência, sua inteligência. O que atualiza esta consciência é o conhecimento, o apreender.

Minha experiência neste curso tem tornado evidente a resistência à concepção de que toda conduta questionável eticamente se deve unicamente à ignorância. Cabe assim investigar o significado mais profundo dos termos que costumeiramente empregamos e que estão diretamente relacionados a esta conclusão:

Ignorância provém do latim 'ignorantia'. Ignorar significa desconhecer; ser incapaz de; não usar de; não praticar. Ou seja, o termo carrega em si a noção de uma incapacidade para fazer uso de algo bem como a incapacidade de executar e praticar uma determinada coisa. Desta forma, afirmar a ignorância de algo bom é por definição reconhecer que não a praticamos.

A palavra ciência provém do latim 'scientia'. Numa busca de suas origens o termo significa 'o caminho em si'. Faz alusão a própria jornada do ser humano e encontra paralelo, mencionando a título de complementação, com a visão do cristianismo gnóstico, perseguido após a estatização da religião cristã, pelo Imperador Constantino, por volta de 300 d.C. Segundo tal concepção, o homem, após casar-se simbolicamente com o Amor (Christos em latim), culmina por casar-se também simbolicamente com a Sabedoria (Sophia).

Ciência de modo mais usual, a se refere ao conjunto de conhecimentos socialmente adquiridos ou produzidos, que visam compreender e orientar o homem. Neste sentido, quem é portador de ciência se conhece e é capaz de se orientar na existência. A recíproca seria verdadeira. Quem não é portador de ciência não se conhece e não está apto a conduzir-se por comportamentos que lhe sejam adequados.

A palavra conhecimento é formada pela junção de conhecer + mento. Se refere à apropriação de um objeto pelo pensamento como definição, como percepção clara. Uma apreensão completa. Algo completamente analisado e sintetizado. Conhecimento não é, portanto, a mera 'notícia' de que algo é mau. Envolve a interiorização; a plena convicção fundamentada na razão, de que algo é bom ou mau.

O radical mente, provem do latim 'mente'; 'mens'; 'mentis'. Refere-se à alma ou espírito e também ao modo de ser. Conhecimento é desta forma o ser em conformidade com a informação que este mesmo ser detém.

O termo conhecer tem origem no latim 'cognoscere'. Significa ter previsto, experimentado e avaliado. O vínculo de conhecer com a capacidade de previsão é igualmente importante. Ajuda analisar tal importância, a observação do significado de outro termo usual em nossa cultura que é pecado. Pecar em latim significa simplesmente tropeçar. E quais seriam as causas de nossos tropeços em nosso caminho? Não enxergarmos os obstáculos que é essencialmente ignorância e não prevermos que iremos cair e nos machucar que também o é. Daí a outra ideia associada ao conhecer que é a de experimentar. Só nos tornamos aptos a resolver um determinado problema quando nos propomos a solucioná-lo, nos expondo à possibilidade de encontrarmos soluções inadequadas antes de chegarmos àquelas mais apropriadas.

Apreender origina-se do latim 'apprehendere'. Significa apropriar-se, pegar, agarrar, assimilar, incorporar mentalmente, entender, compreender. Aprendizado é deste modo, tomar posse de uma informação. Estar plenamente convencido dela e dela fazer uso.

Por fim, a palavra sábio refere-se aquele que é conhecedor; sábio. A sabedoria é a qualidade do sábio. O sábio é o que tem o conhecimento; a ciência. 'Sábio é aquele que conhecendo as coisas boas e belas, sabe usá-las'.

Quem faz o mal o faz só por ignorância e não porque queira o mal sabendo que é mal. Quando um indivíduo pensa, por exemplo: eu sei que tomar tal atitude é errado, mas irei tomá-la assim mesmo, na verdade estaria considerando que tal ação é benéfica a ele. Por Sócrates, é justamente a ignorância que faz supor ao indivíduo, que uma dada atitude errada lhe será benéfica. 'Creio que todos os homens escolhem com todos os meios possíveis o que é mais vantajoso aos seus interesses e isso realizam. E penso que os seguem um caminho errado não são nem portadores de conhecimento (sábios) nem sábios.'

Todas as virtudes seriam a posse verdadeira de conhecimento. Não um conhecimento exterior, mas um conhecimento já interiorizado; que já faz parte do próprio ser. Para promover tal interiorização Aristóteles nos mostra que as virtudes tem origem em raciocínios. Cada indivíduo necessita explicar e justificar a si mesmo e ao seu modo cada uma delas para delas se apossar.

Para Sócrates o bem ou a virtude não é a adequação aos costumes, aos hábitos e convicções de uma coletividade. É algo motivado, justificado e fundado no conhecer individual. Conhecer o que é o homem e o que é bom e útil a ele.

Qualquer indivíduo sempre almejava o que considera ser um bem e nunca um mal. O homem frequentemente diz fazer e faz um mal, malgrado seja um mal. O homem faz o mal porque espera erroneamente tirar dele um bem. Na medida que o homem estivesse convencido, tanto como está convencido de que existe, que um bem lhe é útil e bom; que ao contrário, um mal é prejudicial e mau; neste caso jamais cometeria um erro. Fazer o mal repousa sempre sobre uma falsa avaliação do que são bens. Como todo o ser pretende o bem de si mesmo, não se pode conhecer o bem e deixar de fazê-lo. Não se pode fazer o bem sem propriamente, no sentido preciso do termo, conhecê-lo.

O que gera; o que move, portanto, a vontade humana? O que converte a má vontade em boa vontade? Segundo Sócrates a resposta a esta questão é conhecimento.

Para Sócrates, o bem é útil e vantajoso a quem o pratica (cf. Xenofonte, Platão). A ética de Sócrates visa o bem e a utilidade para o indivíduo.

A areté ou virtude é uma capacidade ou habilidade que posteriormente Aristóteles demonstra ser obtida pela repetição; pelo hábito. A maior capacidade humana não pode ser senão a que permite a sua alma ser boa, isto é, ser aquilo que pela sua natureza ela deve ser. Cultivar a virtude significa tornar a alma ótima. Realizar o ser, alcançar o fim próprio do homem interior e com isto também a felicidade.

Para Sócrates só há uma virtude: conhecimento. Todas as subclassificações incluídas neste mesmo termo, isto é, como virtudes, seriam modalidades de conhecimento ou em outras palavras, comportamentos oriundos do conhecer. De acordo com Sócrates, é impossível conhecer em profundidade uma virtude, sem com isto, conhecer as demais. O máximo bem que abarca todos os bens parciais é a ciência. Da mesma forma os vícios seriam manifestações de ignorância. O pior dos males e que abarca-os todos é a ignorância.

O que leva o homem a agir bem é ponderar os resultados que advirão das suas ações. A este saber - conhecimento - Sócrates o denomina por arte do comedimento (Prudência). Ponderar os resultados que advirão das ações, é o conhecimento do bem. Sem conhecimento não é possível a realização da "vida boa". Viver bem obviamente é bom. Desta forma progredir em conhecimento; progredir em comportamentos virtuosos é bom e útil ao homem. Progredir em conhecimento e virtude é o resultado esperado de qualquer aprendizagem.

Segundo Sócrates a Virtude (aretê) não pode ser ensinada de modo formal. A virtude tem que ser descoberta e encontrada na mente de cada um. Para ilustrar tal conceito socrático, imaginemos que o próprio Einstein deduzisse para nós em classe, no quadro negro, sua teoria da relatividade. Se você quiser dar uma olhada, olhe o artigo que ele publicou. Eu por certo não entenderia nada da dedução. Provavelmente você também não. O que captaríamos seria talvez apenas uma 'notícia' de uma ou outra de suas conclusões, que só seriam consideradas por nós porque Einstein é Einstein. Isto é, devido a sua credibilidade.

Desta forma nossa mente pode ser encarada simbolicamente como um copo, que só pode ser preenchido com líquido até atingir sua capacidade máxima correspondente àquela que tem em um determinado momento da existência. E qual seria a técnica mais eficiente de preencher tal copo? Incentivando e orientando o indivíduo a que ele mesmo construa o entendimento de um determinado tema até onde ele seja capaz de chegar. Embora não seja possível transmitir de modo eficaz a verdade, através do uso de uma técnica expositiva tradicional, é possível e desejável dizer aos homens que é benéfico a eles procurar encontrá-la.

A vida é uma série infundável de experiências. Tais experiências geram conhecimento caso sejam analisadas e estudadas. Para Sócrates, a existência necessita ser examinada e questionada. 'Para o homem o bem maior é refletir todo o dia sobre a virtude e sobre os argumentos sobre os quais me haveis ouvido disputar sobre mim mesmo e sobre os outros e que uma vida sem tais pesquisas não é digna de ser vivida.' (cf. Apologia, Platão).

Neste sentido, o auto exame diário proposto por Pitágoras é potencialmente útil. 'Que não se passe um dia, amigo, sem buscares saber: que fiz eu hoje e hoje que olvidei? Se foi o bem persevera, se foi o mal, abstém-te. Meus conselhos; preza, medita e pratica e te conduzirão às virtudes divinas...' (cf. Versos de Ouro, Pitágoras).

Ao analisarmos nossas experiências, a rigor estaremos analisando, como nós mesmos consideramos, percebemos e processamos um determinado estímulo oriundo de nosso mundo exterior. Ou seja, a relação entre o nosso ser interior e um

acontecimento qualquer. Desta forma passamos a compreender gradualmente melhor a nós mesmos: o que nos fez sofrer e o que nos deixou feliz e por que. Observamos que felicidade e sofrimento são coisas internas a nós mesmos. Como nós mesmos encaramos um determinado acontecimento. E assim paulatinamente chegamos ao “Conhece-te a ti mesmo e conhecerá a Deus e o Universo”, gravado no Templo de Delfos. A exortação à forma de conhecimento essencial e o caminho eficaz que conduz à virtude.

Toda doutrina socrática se resume em conhecer a si mesmo e cuidar de si mesmo. Ensinar os homens a conhecer e a cuidar de si mesmo é a tarefa suprema da qual Sócrates considera ter sido investido como um missionário de Deus. 'Teríamos conhecido qual é a arte que torna melhor os calçados, se não conhecêssemos o calçado?...A arte que torna melhor os anéis, caso ignorássemos o anel?... Então... jamais poderemos saber qual é a arte de tornar melhores a nós mesmos, se ignorarmos o que nós mesmos somos...'

Para Sócrates o que mais importa é o próprio homem e os problemas do homem. 'Ele por sua vez, discorria sempre sobre os valores humanos... e as outras coisas cujo conhecimento, segundo ele, tornava os homens excelentes e cuja ignorância, ao contrário, fazia merecer, justamente, o nome de escravos' (cf. Ditos..., Xenofonte).

Para Sócrates o homem é sua alma, identificada com a mente e o mundo emocional do indivíduo, bem como com suas opções comportamentais (ética). A boa vida estaria relacionada à pureza da alma. A integridade ética seria a própria recompensa de quem a tem. Para ele sempre é preferível sofrer o mal, do que praticá-lo. Fazer o mal prejudicaria muito mais o perpetrador do que aqueles a quem o mal é feito.

O bem não é o abandono ao prazer e não é isto o que leva a felicidade profunda e verdadeira. O bem é a mensuração do prazer adequado, devidamente discriminado e dosado. Tal arte de escolher prazeres faz parte do que se entende por apreender e conhecimento. Quanto ao domínio de si, Sócrates sugere que sentimos prazer em beber, comer, fazer sexo, após termos suportado sede, fome e os desejos sexuais. Isto é, é o controle dos instintos que permite ter-se prazer memorável em satisfazê-los. Quem se ocupa com a satisfação de prazeres fugazes e momentâneos, se afasta da possibilidade de satisfazer prazeres maiores e duradouros. Os prazeres do corpo e exteriores não são nem um bem em si nem um mal em si. A felicidade não depende deles. São bens desde que submetidos ao auto domínio e ao conhecimento.

Autodomínio é 'o bem mais excelente para os homens' (cf. Ditos..., Xenofonte). Autodomínio (eukratéia) é termo e conceito criado por Sócrates. É considerado por ele o poder de dispor de si mesmo, no prazer ou na dor, no cansaço ou na disposição, por impulso ou sob pressão.

A liberdade para Sócrates é o mais precioso dos bens. O autodomínio lhe seria equivalente. Os privados do domínio sobre si, em particular em relação aos seus comportamentos, seriam aqueles submetidos a pior das servidões.

Desenvolveu o conceito de autarquia. Significa autonomia, independência. A capacidade de saber ou poder fazer por si tudo que for necessário. Aquele que supõe depender de coisas e pessoas para se plenificar e alcançar a felicidade, está iludido. Não é livre; não alcança nem a paz nem a felicidade. A alma é a condicionadora exclusiva da felicidade. Cabe à alma governar as necessidades e impulsos físicos.

Cabe a cada um governar e vencer os monstros que residem em seu interior. Tal como Hércules, só aquele que após uma longuíssima jornada venceu seus monstros interiores é verdadeiramente suficiente a si mesmo e senhor de si mesmo. Aproxima-se da divindade, no sentido de nada necessitar.

O próprio Sócrates buscava alcançar a felicidade. (eudaimonia). Seu filosofar pretendia ensinar os homens a serem verdadeiramente felizes. É nitidamente eudaimonista, como por sinal, os filósofos gregos em geral. A felicidade não é dada pelos bens do corpo e exteriores, mas sim pelos bens da alma. Pelo seu aperfeiçoamento pelo conhecimento. A felicidade depende exclusivamente do interior do homem, consignada ao seu pleno domínio. A bondade gera felicidade. A maldade gera infelicidade (cf. Górgias, Platão). A infelicidade real não vem de fora nem de outros. Somente nós mesmos podemos nos fazer grandes males. (cf. Apologia, Platão). Mesmo matar é um grande mal a quem mata e pode não sê-lo a quem morre.

A condição primeira para conquistar amigos bons é a de nos tornarmos bons nós mesmos. Só quem é bom pode ser amigo de quem é bom. Não pode surgir amizade entre o bom e o mau. Sócrates se vangloriava de ser particularmente dotado da arte do amor. Seu amor se expressava através da arte de cuidar das almas daqueles que se expunham a sua influência. Não considerava seus alunos como seguidores, mas sim amigos.

O método socrático é o do diálogo dirigido. Os que estão abertos a um conhecimento melhorado, através da conversação, podem encontrar significados mais profundos para a virtude, temperança, coragem, justiça, piedade, etc. Com a sucessão de perguntas adequadas e dirigidas, a reflexão pessoal para encontrar as respostas, e o uso de exemplos concretos, as controvérsias se suavizam e se chega a ideias mais verdadeiras. Os interlocutores reexaminam as suas próprias convicções; questionam os seus dogmas (pretensas verdades não comprovadas) e são levados a abandonar as suas crenças e opiniões inconsistentes. Os que se permitem transformar, espontaneamente substituem as ideias e opiniões inadequadas por novas ideias; opiniões e conceitos mais claros e mais próximos da verdade. A verdade absoluta final; a realidade, no entanto, não pode ser atingida. A realidade tal com ela é não está acessível às percepções e mente humanas, devido aos seus próprios limites e imperfeições.

A maior parte daqueles que se julgam sábios, nem sequer se apercebem da sua ignorância. Pelo contrário, Sócrates dizia saber que não sabia nada e, por isso, estava em melhores condições para procurar o conhecimento. O método socrático leva a profundas reflexões pessoais e a uma crescente descoberta de verdades interiores. É também um método de auto conhecimento.

Sócrates empregava o método da análise conceitual. Começava o diálogo com seus alunos pela célebre forma de pergunta: o que é? (o amor, a coragem, a amizade,...). A partir daí praticava a maiêutica (palavra que significa fazer dar a luz; fazer o parto). Isto é, tal como uma parteira, auxiliava-os a dar à luz um conhecimento melhorado. Arrancava do interior dos seus interlocutores as suas monstruosidades e os fazia parir ideias sadias. Parir novos conceitos. Pressupõe o entendimento de que há uma melhor compreensão ou uma capacidade de obter uma melhor compreensão, na forma fetal, no interior de cada um de nós. Uma investigação do que cada um já tem em germe em seu interior.

Escolhia como alunos os angustiados por respostas e gerava inquietação. Angústia e inquietação eram consideradas análogas às dores de um parto. Os não inquietos não estariam ainda prontos para dar a luz. Para os candidatos que não demonstravam julgar importante aprender mais, indicava outros professores.

A maiêutica pode ser considerada a aceitação da existência de um patrimônio apriorístico de conhecimentos latentes na alma humana. A existência de conhecimentos inatos.

Pela sucessão de perguntas e respostas entende-se o emprego do método da dialética; reunir para discutir e distinguir. A cada resposta mostrava ao interlocutor as inconsistências ou imperfeições das respostas, eventualmente fazendo uso de exemplos do cotidiano e propunha novas perguntas, conduzindo assim o modo de pensar do estudante.

A discussão era conduzida sempre a partir das bases conceituais do próprio aluno. Com as experiências e forma de pensar do próprio estudante, um melhor conhecer era gradualmente alcançado. Levava o inquirido a tomar ciência de que ele não sabia o que pensava saber e a colocar conceitos melhorados em seu lugar. Discutia e questionava os valores e atitudes da sociedade da época. Mostrava que muitas das concepções comuns levam ao paradoxo e ao absurdo. Mostrava os perigos da abertura e aceitação acrítica da ortodoxia. Ao semear dúvidas, dois comportamentos padrão encontrava. De uns o aperfeiçoamento de concepções. De outros o orgulho ferido, o que resultava em ressentimentos e antipatia.

O método envolve desta forma o questionamento da opinião (doxa) e das crenças. Expõe suas imprecisões, parcialidades, incompletudes e nebulosidades. E se descobria que com frequência não sabíamos aquilo que pensávamos saber. Partindo sempre de um entendimento já existente, levava o interlocutor a ir além dele, em busca de algo mais perfeito e completo. E a grande capacidade de transformação está centrada no fato de que o resultado da reflexão é obtido pelo próprio indivíduo, que descobre, a partir de sua experiência, o sentido que busca. Sócrates não respondia conclusivamente as questões que fazia. Apenas mostrava se porventura a resposta encontrada era insatisfatória e por que. Seus diálogos eram aporéticos, isto é, inconclusivos. 'Não aprenderam nada de mim mas unicamente por si mesmos geraram muitas e belas coisas. Porém o mérito de tê-los ajudado cabe a Deus e a mim.' (cf. Teeteto, Platão). Indicava o caminho a ser percorrido pelo próprio indivíduo. A própria palavra método significa através de um caminho.

A cada vez que retornamos a um dado conhecimento, nossa capacidade de aprofundá-lo aumenta. A cada vez que ouvimos novamente uma mesma música, percebemos maiores detalhes nela. A cada vez que relemos um livro, a leitura é diferente e melhor. A capacidade de nosso copo mental tende a aumentar à medida que este aumento é solicitado. 'Mas se você voltar a conceber, estará mais preparado após esta investigação, ou ao menos terá uma atitude mais sóbria, humilde e tolerante em relação aos outros homens, e será suficientemente modesto para não supor que sabe aquilo que não sabe.'

O objetivo geral do método é o de conduzir o interlocutor ao conhecimento. À convicção interior de temas relacionados ao comportamento adequado: ética e virtudes. A consequência visada era o maior bem do homem por uma vida mais ética e um maior cuidado de sua própria alma. Libertá-la de concepções errôneas, aproximando-a de concepções mais verdadeiras.

Investigava as experiências do interlocutor, angariadas ao longo de sua vida passada. Analisava como este estaria vivendo no presente e finalmente como poderia viver melhor no futuro. Promovia o desnudamento da alma e a contemplação de si mesmo, interrogando, provando, refutando e incentivando seu aluno a esforçar-se para ser melhor.

Em síntese, Sócrates através de seu método, pretendia aumentar o conhecimento das pessoas e conseqüentemente melhorá-las eticamente. Visava a promoção de comportamentos gradualmente mais adequados, através do aprofundamento das concepções quanto às virtudes.

A existência de Sócrates encontrou seu término quando da acusação senatorial de estar corrompendo a mente da juventude ateniense com ideias revolucionárias e não ortodoxas. O caráter corrosivo e subversivo do seu método que faz pensar de modo independente e não aceitar informações tradicionais e impostas como verdades, foi o que conduziu Sócrates à condenação e a morte. A sua fuga, apesar de possível, contestaria não somente os poderosos governantes juizes, mas sim as leis, a estrutura e a ordem da cidade. Comprometeria também de certa forma, a credibilidade na veracidade de seus ensinamentos. Sendo sua ação através de seus ensinamentos para a juventude, a sua própria razão de ser, seria uma negação à sua própria vida numa perspectiva maior. Desta forma, submetendo-se à penalidade fatal imposta, permaneceu conversando e ensinando até seus últimos momentos.

A título de conclusão, o fato de conseguirmos verdadeiramente reconhecer a nossa profunda ignorância, é o primeiro passo para nos tornarmos mais sábios. Através da reflexão e da exploração de nosso universo interior, das nossas opiniões e crenças e

de nossas experiências cotidianas, nos tornamos mais sábios; mais sábios. Tais descobertas têm caráter essencialmente individual. Podem ser tutoriadas, mas dependem na verdade, do buscador e da sua abertura a novos pensamentos.

Todas as virtudes e toda a possibilidade de uma vida boa e de bem tem como base o conhecimento, que não é apenas ter a 'notícia de algo', mas sim ter este algo interiorizado profunda e verdadeiramente em si como verdadeiro e útil. Conhecendo-se em profundidade uma dada virtude particular e sua essência, automaticamente se passaria a conhecer o essencial de todas as demais. A virtude é o conhecimento daquilo que é bom para o homem. A virtude é útil ao homem. Uma vida virtuosa torna o homem feliz. O mal resulta em não saber avaliar os resultados das ações e é sempre fruto da ignorância.

Para o mundo ocidental até o presente, Sócrates é um dos grandes expoentes e talvez o maior a enfatizar a importância do Saber e do Auto - Conhecimento para o homem. Jesus enfatiza o Amor como forma extraordinária de transformação do indivíduo, dentre outros aspectos, para sua felicidade e realização. O verdadeiro Saber leva ao Amor. O verdadeiro Amor leva ao Saber. Tais abordagens, portanto se complementam na construção do homem e da humanidade.

Paul Fernand Milcent
Um seu amigo

Bibliografia:

FERREIRA, AURÉLIO BUARQUE DE HOLANDA. Novo Aurélio, Século XXI. O Dicionário da Língua Portuguesa. Editora Nova Fronteira. 3 ed. 1999. ISBN 85.209.1010.6.

GHIRALDELLI, PAULO JR. Introdução à Filosofia. Editora Manole Ltda. São Paulo. 1 ed. 2003. 183p. ISBN 85.204.1680.2

LAW, STEPHEN. Filosofia. Guia ilustrado Zahar. Zahar. 2 ed. 2009. ISBN 978.85.378.0070.6

REALE, GIOVANNI. História da Filosofia Antiga. Vol. 1. Edições Loyola. São Paulo. 2 ed. 1993. 419p. ISBN 85.15.00846.7 (vol. 1) (Título original: Storia della filosofia antica, in cinque tomos, 1975)

Wikipedia. Enciclopédia Livre Virtual. Consulta em 2012.